

Norbert Elias e Michel Foucault: diálogos sobre poder e sexualidade

Leonardo Turchi Pacheco

Resumo: Este artigo tem como proposta explorar os temas do poder e da sexualidade nas obras *O processo civilizador* de Norbert Elias e *História da sexualidade* de Michel Foucault. Aponta-se para a possibilidade de diálogo entre as teorias desenvolvidas pelos dois autores apesar das diferenças do tratamento dos temas em questão.

Palavras-chave: Norbert Elias. Michel Foucault. Poder e Sexualidade.

Abstract: This article intends to explore the themes of power and sexuality in Norbert Elias's *Über den Prozess der Zivilisation* and Michel Foucault's *Histoire de la Sexualité*. Besides the differences of the author's theories we point out that its possible to establish a dialogue between them.

Keywords: Norbert Elias. Michel Foucault. Power and Sexuality.

Este artigo tem como objetivo relacionar os temas de poder e sexualidade nas obras *O processo civilizador* (1939) de Norbert Elias e *História da sexualidade* (1976) de Michel Foucault.¹ Apesar de terem sido escritas e lançadas em momentos distintos, quase meio século as separa, vislumbra-se correlações entre as idéias dos autores. Não me atrevo

Leonardo Turchi Pacheco. Doutor em História Social da Cultura pela UFMG. Atualmente trabalha como professor de antropologia e pesquisador do núcleo Gênero e Violência do departamento de História da UNIMONTES. E-mail: leonardoturchi@gmail.com. Texto recebido: 29/11/2009. Texto aprovado: 15/05/2009.

¹ As datas se referem ao ano que foram primeiramente publicados os livros. Os livros consultados possuem a datação que segue: ELIAS, Norbert. 1994. *O processo civilizador*: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. ELIAS, Norbert. 1993. *O processo civilizador II*: formação do estado e civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. FOUCAULT, Michel. 1988. *História da sexualidade I*: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal. FOUCAULT, Michel. 1984. *História da sexualidade II*: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal. FOUCAULT, Michel. 1985. *História da sexualidade III*: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal.

² Roberto Machado ressalta esse ponto, quando observa que a genealogia foucaultiana não tem por objetivo formular teorias definitivas e universais relativas ao poder e a nenhum outro objeto de investigação. Portanto, para esse autor, Foucault se afasta da possibilidade de construir sistemas e teorias, na medida em que sua intenção é a de formular “análises fragmentárias e transformáveis” Roberto Machado esclarece que “não existe em Foucault uma teoria geral do poder. O que significa dizer que suas análises não consideram o poder como uma realidade que possua uma natureza, uma essência que ele procuraria definir por suas características universais. Não existe algo unitário e global chamado poder, mas unicamente formas dispares, heterogêneas, em constante transformação. O poder não é um objeto natural, uma coisa: é uma prática social e, como tal, constituída historicamente.” MACHADO, Roberto. Introdução: por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001; p.X.

³ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2001, p. 183.

a pensar em continuidades entre essas obras, mas, no entanto, ao comparar o pensamento de Elias e Foucault, no que tange ao poder e à sexualidade, é possível notar semelhanças e diferenças entre eles. Um diálogo se estabelece na medida em que em certos momentos, um complementa o outro, em outros, nem tanto, eles se opõem. No intuito de explorar esses diálogos o artigo foi dividido em duas partes: na primeira são examinadas as noções de poder em Foucault e em Elias, respectivamente. Na segunda são apreciadas as relações entre os discursos de poder e a sexualidade na medida em que proporcionam a construção do indivíduo moderno.

Ao abordar a questão do poder, Foucault se refere a relações e práticas sociais historicamente criadas, e sua atenção estará voltada para a análise dessas relações e práticas. Ele não se dedica a uma teoria geral de poder, mas, sim, a uma “analítica do poder”:² analisar, portanto, as formas que esse poder pode tomar, ao ser exercido, as esferas em que ele penetra, os discursos que ele incentiva e os que ele deseja que não sejam incentivados, as estratégias de que ele se utiliza para se fazer sentir e para criar verdades sobre os indivíduos que ele penetra, enfim o “como do poder”, as redes de relações que ele engendra. Poder sem um sujeito específico que se insere nas microrelações cotidianas.

Como aponta esse autor:

O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas, os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles [...] o indivíduo é um efeito do poder e simultaneamente, ou pelo próprio fato de ser um efeito, é seu centro de transmissão. O poder passa através do indivíduo que ele constitui.³

Em Foucault, a noção de poder muda de acordo com a obra que se está analisando. A mudança que percebemos inicia-se em “Vigiar e Punir”⁴ e se completa no terceiro volume da “História da sexualidade”⁵. Podemos traçar as várias formas de poder em Foucault, da seguinte maneira: de início, o poder a que ele se refere é o poder disciplinar, mais adiante, é a bio-política (políticas sobre o corpo e a sexualidade) que está sendo explorada. E, por fim, enfoca o poder como uma ética, uma moral do autogoverno (governabilidade).⁶

Essa separação dos tipos de poderes é um tanto quanto arbitrária, na medida em que há uma correlação entre eles e, de certa forma, apesar das diferenças, um complementa o outro. Foucault não aponta continuidade entre os modelos de exercício de poder e, portanto, não afirmaremos que haja uma linearidade entre as formas de exercício do mesmo.

O poder disciplinar utiliza a técnica para tornar os corpos dóceis, ou seja, tece suas teias nas escolas, nas prisões, nos conventos, nos quartéis, nas fábricas, nos hospitais. Ele exerce a dominação através dos exercícios de adestramento (que impõe uma forma correta de se comportar, delimita um espaço e um tempo preciso para que os indivíduos exerçam atividades de maneira otimizada). O poder sobre o corpo não precisa ser repressivo e duro, e de fato, em Foucault, esse é positivo, estimulante, tênue e se vale de uma produção de efeitos no âmbito do desejo e da incessante estimulação do autoconhecimento do indivíduo. Mas para que isso ocorra, é necessário uma vigilância constante, um olhar incessante sobre os corpos. A partir dessa vigilância, criam-se políticas para o desnudamento dos corpos, as quais operam através de confissões, de exames clínicos e psicológicos.

O momento histórico das disciplinas é o momento que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar a sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação cal-

⁴ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 2002.

⁵ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade III: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

⁶ ALBUQUERQUE, José A. Guilhon. 1995. *Michel Foucault e a teoria do poder*. Tempo Social. USP. São Paulo 7 (1-2): 105-110.

culada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra em uma maquinaria de poder que o esquadrinha, o articula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também uma “mecânica de poder”, está nascendo, ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que se façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, com a rapidez e eficácia que se determina.⁷

E ainda:

[...] a minúcia dos regulamentos, o olhar esmiuçante das inspeções, o controle das mínimas parcelas da vida e do corpo darão em breve, no quadro da escola, do quartel, do hospital ou da oficina, um conteúdo laicizado, uma racionalidade econômica ou técnica a esse cálculo místico do ínfimo e do infinito.⁸

Percebe-se portanto, uma produção de saber sobre os corpos, um conhecimento que se faz pelo incitamento ao falar. Dessas confissões íntimas, criam-se discursos plurais os quais se preocupam com a normalização do indivíduo como uma criatura que precisa ser examinada. É nesse momento que a disciplina exercida sobre o corpo é aproximada de um saber clínico que se esforça para “medicalizar” os comportamentos e os desejos, impondo classificações, esquadrinhando e rotulando a conduta individual, sempre em busca de algo que esse indivíduo não poderia, sozinho, compreender, nem muito menos identificar — uma verdade sobre seu corpo e sua alma, a qual só poderá ser desvendada por um saber científico.

Mais adiante, a análise do poder sobre o corpo passa da esfera política para a esfera moral. O poder se insere no governo de si mesmo. As exigências da governabilidade passam pelo correto uso dos prazeres, pela austeridade e pelo controle dos impulsos básicos, nocivos à convivência social.

Em Elias, o poder é enfocado de duas formas: uma se refere à mudança do padrão de comportamento e das emoções; a outra se refere à centralização e à monopolização dos mecanismos militar e econômico. Se traçarmos um paralelo entre a sua

⁷ FOUCAULT, Michel. 2002. *Op. cit.* p.119

⁸ *Idem*, p.121.

percepção sobre o indivíduo e a sociedade e o poder, observamos que, quando o autor trata do último nas suas obras, seja na “Sociedade de Corte”⁹, seja nos dois volumes do “Processo Civilizador”, ou até mesmo nos “Estabelecidos e *Outsiders*”¹⁰, está referindo-se a uma relação de poder.

Essa ênfase no poder como uma relação é importante, pois implica que este poder não é algo que exista por si mesmo. Como a sociedade, ele não é exterior ao indivíduo, pois depende destes para ser exercido, ele precisa de um ou vários sujeitos que o coloquem em movimento. Ao afirmarmos que o poder, em Elias, é sempre relacional, queremos dizer que, para existir poder, é necessário existir um referencial a partir do qual ele será exercido. Assim, é possível observar um centro de equilíbrio de poder no qual as relações se estabelecem — seja o Estado, nas sociedades modernas; seja a Corte nas sociedades de corte; seja a “aldeia”, em relação à “zona 3” na comunidade de Winston Parva.

Nas relações entre pais e filhos e entre senhor e escravo, as oportunidades de poder são distribuídas muito desigualmente. Porém sejam grandes ou pequenas as diferenças de poder, o equilíbrio de poder está sempre presente onde quer que haja uma interdependência funcional entre pessoas. Sob esse ponto de vista, a utilização simples do termo “poder” pode induzir em erro. Dizemos que uma pessoa detém grande poder, como se o poder fosse uma coisa que se metesse na algibeira. Esta utilização da palavra é uma relíquia de idéias mágico-míticas. O poder é uma característica estrutural das relações humanas — de todas as relações.¹¹

Mesmo que o poder não apareça como um objeto, ele se faz sentir através das relações em diversas esferas. Por exemplo, a etiqueta e o cerimonial em uma escala microcômica, como na corte de Luís XIV, são formas de se exercer o poder, pois estes são os instrumentos que possibilitam a diferenciação entre os indivíduos, pela proximidade e/ou distanciamento de um centro de poder — no caso o rei.

É importante, ainda, salientar que o reconhecimento de uma posição de prestígio depende sempre

⁹ ELIAS, Norbert. *A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

¹⁰ ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

¹¹ ELIAS, Norbert. *Introdução à sociologia*. Lisboa: Edições 70, 2005, p.81.

da aprovação dos outros. Sem esse reconhecimento, a possibilidade de exercício de poder e a existência social do indivíduo ficam ameaçadas. A estrutura de poder, portanto, se forma a partir da auto-imagem do grupo estabelecido, aquele que, por uma série de características que o definem, se enxerga como superior frente a outros. A posição que um indivíduo ocupa na estrutura social e a função que ele exerce, para serem valorizadas e respeitadas, dependem da relação que ele estabelece com a rede de indivíduos que o envolve. A consolidação do modo como o poder será distribuído, depende portanto, das lutas estabelecidas nessa rede de interdependência.

Para Elias, as relações de poder mudam de acordo com as transformações ocorridas na estrutura social. É importante ressaltar que as esferas macrosociais e as esferas microsociais não operam de forma isolada. Dessa forma, podemos perceber ligações entre as mudanças na estrutura social e as mudanças nas estruturas comportamentais e psíquicas dos indivíduos, o que implica em uma nova forma de se exercer o poder. Em outras palavras, esse autor estabelece uma ligação entre as redes de poder, as mudanças ocorridas nas formas de comportamento individual e as transformações na estrutura social.

Nesse sentido, ele salienta que ao se formarem Estados centralizados sob a égide de um senhor, uma nova forma de conduta é exigida, devido à maior interdependência dos indivíduos. Os grupos que se estabelecem nesse tipo de figuração se confrontam de uma nova forma. As redes de poder se tornam mais complexas, e os meios de exercê-lo se tornam mais estratégicos e pacificados. Uma das exigências desse novo tipo de configuração se apresenta na maneira como as pessoas regulam suas condutas e emoções. A previsão das ações, o controle dos impulsos básicos, a maior sensibilidade em relação a certas questões implicam um maior distanciamento entre os indivíduos. É, a partir da dependência entre eles e o gradual distanciamento, que as condutas e as emoções operam para equilibrar ou desequilibrar as balanças de poder entre os indivíduos e os grupos. Em Elias, portanto, o poder

sempre se inscreve em relação a outros — sejam em indivíduos ou grupos — e opera no cotidiano, através da etiqueta, nas formas de se comportar na mesa, na cama, em relação aos usos do corpo.

Não é possível falar em poder e sexualidade nesses dois autores, sem que questões relativas à formação do indivíduo moderno pelo processo contínuo de disciplinarização e autocontrole das condutas e emoções sejam levantadas.

Foucault e Elias concordam no seguinte sentido: para eles, houve um desenvolvimento na “psique humana”, na forma de “socialização do eu”, a qual propiciou que o indivíduo internalizasse e automatizasse uma série de regras de condutas.¹² Para esses autores, mudanças ocorridas na ordem social desencadearam um processo de transformação nas formas de coerção sobre o indivíduo. A coerção tradicional, baseada na forma externa do poder soberano, se transformou na coerção interna: Elias fala em autocontrole das condutas e sentimento; Foucault fala em disciplinarização do corpo.

Em Foucault, o desenvolvimento da disciplina foi dependente do uso de técnicas disciplinares dentro de diversas instituições e do crescente desenvolvimento das ciências como forma de conhecimento que, associadas ao impacto das organizações burocráticas e do trabalho, possibilitaram a modelagem do indivíduo dócil e a transformação da sua experiência de mundo.

Elias opta por explicar a natureza das mudanças face ao maior autocontrole das condutas e sentimentos, fruto da relação de interdependência entre os indivíduos; o que ele chamou de processo civilizador. Ele contempla a racionalização — maior capacidade de reflexão, maior previsibilidade das ações e das emoções — como fator predominante nas alterações que afetaram o modo como as pessoas passaram a pensar, sentir, ver e viver o cotidiano a sua volta.

Em Elias não há um sujeito específico e impulsionador das mudanças no processo civilizador, este aparece como algo que não foi planejado conscientemente pelos grupos detentores do poder. Assim, para esse autor o processo civilizador se apóia na relação constituída, através da interdependência dos

¹² VAN KRIEKEN, Robert. *A organização da alma: Elias e Foucault sobre a disciplina e o Eu*. Plural- USP: São Paulo (3-1), 1996, p. 153-180.

indivíduos e da difusão de idéias. Em Foucault esse processo se apresenta como uma imposição de um grupo dominante — representada pelos detentores do saber, pelo Estado, pelo clero e outras esferas. Portanto não há uma passagem de uma coerção externa para uma coerção interna não-planejada, mediada pelas relações cada vez mais complexas, mas, sim, um projeto de disciplinarização dos indivíduos pelos grupos detentores do poder.

Outro ponto de divergência entre Elias e Foucault reside na questão da autonomia e liberdade do indivíduo moderno. O primeiro enxerga o indivíduo moderno como alguém que tem autonomia no exercício da escolha racional, enquanto que, para Foucault, a esse indivíduo se inviabiliza a autonomia de escolha racional. Ele não é autônomo, porque órgãos disciplinadores cerceiam sua escolha. Estes autores não percebem o indivíduo moderno como um ser incondicionalmente livre. A divergência ocorre, na medida em que, para Foucault, é necessária a transgressão da disciplina, para que o indivíduo se liberte; enquanto que, para Elias, é justamente o oposto. O autocontrole das condutas e emoções, de forma cada vez mais internalizada e automatizada, é que permitiria que o indivíduo atuasse de modo mais livre.

O autocontrole das condutas e sentimentos e a disciplinarização do corpo ligada à liberdade de escolha e à autonomia do indivíduo moderno colocam questões relativas à sexualidade, as quais são tratadas de formas bem diferentes entre os dois autores. A primeira divergência reside no lugar que a sexualidade ocupa nas suas obras. Em Foucault, a associação entre a formação do indivíduo moderno mediante o controle da sexualidade, é mais explorada do que em Elias que trata do processo de autocontrole das condutas e emoções (aumento do patamar de sensibilidade e repugnância) sem se deter demasiadamente no tema da sexualidade propriamente dita. A segunda divergência reside na forma como a sexualidade aparece ligada aos mecanismos de poder.

Em Foucault, a sexualidade é ligada a um mecanismo positivo de poder, que incita a um discurso, enquanto que, para Elias, ela é deslocada para o fun-

do da vida pública, o mecanismo aqui se ocuparia em silenciar os rumores.

A sexualidade na obra de Foucault é discutida em dois momentos: no primeiro, é importante desconstruir a “hipótese repressiva”; na qual o poder sobre a sexualidade só seria instaurado pelo silêncio, pela repressão e por discursos negativos.

As dúvidas que gostaria de opor à hipótese repressiva têm por objetivo muito menos mostrar que esta hipótese é falsa do que recolocá-la numa economia geral dos discursos sobre o sexo no seio das sociedades modernas a partir do século XVIII. Por que se falou de sexualidade e o que se disse? Quais os efeitos de poder induzidos pelo que se dizia? Quais as relações entre esses discursos, esses efeitos de poder e os prazeres nos quais se investiam? Que saber se formava a partir daí? Em suma, trata-se de determinar, em seu funcionamento e em suas razões de ser, o regime de poder — saber — prazer que sustenta, entre nós, o discurso sobre a sexualidade humana. Daí o fato de que o ponto essencial [...] é levar em consideração o fato de se falar de sexo, quem fala, os lugares e pontos de vista de que se fala, as instituições que incitam a fazê-lo, que armazenam e difundem o que dele se diz, em suma, o “fato discursivo” global, a “colocação do sexo em discurso”. Daí decorre também o fato de que o ponto importante será saber sob que formas, através de que canais, fluindo através de que discursos o poder consegue chegar às mais tênues e mais individuais das condutas. Que caminhos lhe permitem atingir as formas raras ou quase imperceptíveis do desejo, de que maneira o poder penetra e controla o prazer cotidiano — tudo isso com efeitos que podem ser de recusa, bloqueio, desqualificação mas, também, de incitação, de intensificação, em suma, as “técnicas polimorfos do poder”. Daí, enfim, o fato de o ponto importante não ser determinar se essas produções discursivas e esses efeitos de poder levam a formular a verdade do sexo ou, ao contrário, mentiras destinadas a ocultá-lo, mas revelar a “vontade de saber” que lhe serve ao mesmo tempo de suporte ou instrumento.¹³

O poder sobre a sexualidade é inscrito de forma

¹³ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988, p.16-17.

positiva. Os discursos são impostos aos seres humanos por táticas diversas. A medicina, as ciências naturais e sociais, a pedagogia e as instituições criam discursos múltiplos, sobre a sexualidade que visam o controle dos seres humanos: incitação para falar sobre si mesmo e assim adquirir uma identidade baseada no desejo.

Nas palavras de Foucault:

De fato trata-se, antes, da própria produção da sexualidade. Não se deve concebê-la como uma espécie de dado da natureza que o poder é tentado a por em xeque, ou como um domínio obscuro que o saber tentaria, pouco a pouco desvelar. A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não a realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas a grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas estratégias de saber e poder.¹⁴

Em um segundo momento, a sexualidade é discutida como uso dos prazeres. Aí, Foucault se aproxima de Elias, pois trata de mudanças relativas à moral e à ética da prática sexual entre gregos e romanos, estabelecendo relações de poder mediadas por uma série de regras de conduta nas esferas da vida pública e privada. Observa-se, então, alguns temas comuns de preocupação ética, referentes à sexualidade na moral greco-romana a qual se transformou paulatinamente até receber uma nova conotação na moral cristã. Novas interpretações sobre o valor do ato sexual, o valor da relação conjugal, o valor sobre os modos e as formas de se obter prazer são engendradas em um esquema que novamente se apropria de discursos para instaurar uma forma de controle dos indivíduos.

Elias se posiciona frente à sexualidade de forma diversa. Quando o tema vem à tona é logo ligado ao silêncio. Ele explica que na medida em que as pessoas se inseriam em relações de interdependência cada vez mais complexas, havia uma necessidade, mediada por exigências da própria configuração, de

¹⁴ FOUCAULT, Michel. *Op. cit.* p.100.

alteração das formas de expressar e sentir naturalmente desejos e prazeres. Em outras palavras, o processo de civilização focalizado nas mudanças da estrutura psíquica e social dos indivíduos se deu pelo progressivo silenciar das questões relativas ao corpo e à sexualidade. Tudo quanto se refere ao sexo e ao corpo causa repugnância e se retira da esfera pública.

Segundo o autor:

Uma vez que no curso do processo civilizador o impulso sexual, como tantos outros, está sujeito a controle e transformação cada vez mais rigorosos, muda o problema que ele coloca. A pressão aplicada sobre os adultos, para privatizar todos os seus impulsos (em especial, os sexuais), a “conspiração do silêncio”, as restrições socialmente geradas à fala, o caráter emocionalmente carregado da maioria das palavras relativas a ardores sexuais — tudo isso constrói uma grossa parede de sigilo em volta do adolescente. O que torna o esclarecimento sexual tão difícil — a derrubada desse muro, que um dia será necessária — não é só a necessidade de fazer o adolescente conformar-se com o mesmo padrão de controle de instintos e de domínio como o adulto. É, acima de tudo, a estrutura de personalidade dos próprios adultos que torna difícil falar sobre coisas secretas. Com grande frequência, os adultos não encontram o tom nem as palavras. As palavras chulas que conhecem estão fora de cogitação. Os termos científicos são desconhecidos de muitos.¹⁵

Essa relação de desconforto sobre o corpo e a sexualidade também pode ser percebida em uma recomendação retirada de um dos tratados de etiqueta no qual Elias se debruça:

É muito mais contrário à decência e à propriedade tocar ou ver em outra pessoa, principalmente de sexo oposto, aquilo que os céus proibem que você olhe em si mesmo. Quando precisar urinar, deve sempre retirar-se para um local não freqüentado. E é correto (mesmo no caso de crianças) cumprir outras funções naturais em locais onde não possam ser vistas [...] não é nunca correto referir-se a partes do corpo que devem ficar co-

¹⁵ ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, p.181.

bertas nem de certas necessidades corporais a que a natureza nos sujeitou, nem mesmo mencioná-las.¹⁶

Assim, com o aumento do patamar de sensibilidade e o distanciamento entre as pessoas, certos comportamentos e afetos são controlados. O indivíduo moderno é reprimido pela educação dos seus sentidos e, paradoxalmente, só atinge um alto grau de liberdade devido à internalização e à automatização dessas repressões. Como observado, nos volumes do *Processo Civilizador*, não há um aprofundamento das discussões das práticas sexuais como ocorre em Foucault nos volumes da *História da Sexualidade*. No entanto pode-se perceber algumas pistas deixadas por Elias neste sentido quando ele menciona as *minnesängs*, que são canções que retratam questões sobre condutas sociais, entre elas a violência sexual, e os tratados de etiqueta, mais especificamente o comportamento à cama, e a preocupação com o corpo, e os modos de cortejar o sexo oposto.

Enfim, creio que a contribuição desses autores, e o diálogo que se estabelece, realiza-se na medida em que ambos permitem pensar o exercício do poder não somente vinculado à esfera pública, não somente ligada ao Estado, mas também, ligado a relações de poder que se inserem no cotidiano. Eles enfocam e privilegiam as questões políticas inseridas na esfera privada que atrelam o poder ao controle minucioso do corpo e da sexualidade dos indivíduos. Poder que atua sobre o corpo e a sexualidade, não só de modo negativo, mas também de maneira positiva e que se faz sentir de diversas formas: seja pelos diferentes modos como homens e mulheres são socializados, seja pela forma como são encarados os direitos e deveres relativos à esfera sexual — que englobam desde o livre uso do corpo e dos prazeres até a utilização da violência sexual como meio para se exercer o poder.

Referências

ALBUQUERQUE. José A. Guilhaon. Michel Foucault e a teoria do poder. *Tempo Social*. USP. São Paulo, 1995, 7 (1-2): 105-110.

¹⁶ *Idem*, p.138.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. *A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. *Introdução à sociologia*. Lisboa: Edições 70, 2005.

FOUCAULT, Michel. 1985. *História da sexualidade III: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

_____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

_____. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 2002.

VAN KRIEKEN, Robert. *A organização da alma: Elias e Foucault sobre a disciplina e o Eu*. Plural-USP: São Paulo, 1996. (3-1): 153-180.